

# ÁGUA: é preciso poupar para não faltar

Quase 15% da água disponível no mundo está no Brasil

O Dia Internacional da Água, em 22 de março, teve poucos motivos para comemorações: a situação dos recursos hídricos no Brasil e no mundo preocupa e não é digna de ser festejada. Esse bem natural, que alguns chegam a afirmar que será mais valioso até que o petróleo, é muito desperdiçado e está se tornando cada vez mais escasso. De acordo com estudos efetuados pela Organização das Nações Unidas, mais de dois bilhões de pessoas enfrentam falta de água hoje e, até 2025, o número deverá triplicar.

Segundo dados fornecidos pela Sabesp, existe no planeta em torno de 1,5 bilhão de quilômetros cúbicos de água. Entretanto, 97% se constitui em água salgada de mares e oceanos e 2% em água congelada nos pólos; somente 1% é água doce de rios e lagos, própria para o consumo humano.

### Situação privilegiada

O advogado Paulo Costa, especialista em meio ambiente e diretor da H2C Consultoria, empresa especializada em desenvolvimento de projetos para a racionalização do consumo de água, ressalta que o Brasil é um país privilegiado no que concerne à disponibilidade desse recurso — concentra quase 15% da água disponível no mundo. "Mais da metade, no entanto, está na Amazônia e na bacia do rio Tocantins, enquanto cerca de 80% da população se encontra nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste. O custo de transportar essa água para os grandes centros urbanos é muito alto. As grandes cidades estão no limite de fornecer a seus

habitantes água tratada condizente com a demanda. E, o que é pior: vivemos uma escassez permanente e pouco tem sido feito para enfrentar o problema."

### Racionalização

A palavra de ordem, para Paulo Costa, é não desperdiçar. Ele destaca que várias medidas simples podem contribuir — e muito — para economizar. "Um programa de uso racional é mais duradouro que campanhas publicitárias ou medidas eventuais, pois traz resultados permanentes. Um passo importante está na substituição dos materiais hidráulicos por outros que propiciem economia. As bacias sanitárias mais antigas consomem de 12 a 18 litros por acionamento, enquanto que já

existem umas mais modernas, tipo 6 LPF, que consomem 6 litros por acionamento. A troca possibilita uma economia de 30 a 50%."

Para o advogado, dois outros "vilões" domésticos também podem ser eficazmente combatidos: as torneiras, com a instalação de misturadores de lavatório com arejador de vácuo constante, e os chuveiros, com restritores de vazão. "Em Nova York, por exemplo, um programa de substituição de equipamentos hídricos foi adotado na década de 1990 com muito sucesso. O governo ofereceu incentivos aos cidadãos para a troca de bacias sanitárias desperdiçadoras por outras mais econômicas. A população se mobilizou e, entre 1994 e 1996, foram instaladas mais de um milhão de bacias sanitárias economizadoras,



PAULO COSTA: "É uma questão de atitude"

propiciando uma redução de gastos de 60 milhões de galões de água por dia."

Outra medida que está começando a ser adotada, ainda que timidamente, é o reaproveitamento da água da chuva, tanto por parte de indústrias como de condomínios. "Pode-se fazer um reservatório onde essa água é canalizada e, posteriormente, utilizada para a irrigação dos jardins e a lavagem de calçadas e garagens", salienta Paulo Costa. "A própria água do chuveiro, após o banho, pode ser redirecionada e reaproveitada no acionamento dos vasos sanitários."

Além disso, quando estiver regulamentada e implantada, a lei que obriga a individualização dos hidrômetros nos condomínios deverá propiciar uma economia considerável. "Desta maneira, cada um vai pagar pelo que consumir, o que acaba se tornando um incentivo à economia. Hoje, a conta de água representa entre 10 e 15% do valor do condomínio, sendo superada apenas pela folha de pagamento."

Enquanto a Organização das Nações Unidas prega um consumo de 120 litros de água por dia, em São Paulo cada habitante consome em média 180 litros por dia. "Nós não temos preocupação com a realidade de escassez permanente que vivemos", alerta Paulo Costa. "É uma questão de atitude que, antes de mais nada, está no âmbito da conscientização. É importante situar para as pessoas quanto elas estão gastando, de que forma e como poderiam gastar menos. Programas de conscientização são tão necessários quanto os programas de racionalização."